

CORPORATIVISMO E TRANSNACIONALISMO NA ARENA: PORTUGAL COMO INSPIRAÇÃO NA AÇÃO PARLAMENTAR DE PLÍNIO SALGADO¹

Leandro Pereira Gonçalves²

Resumo: A principal composição política do movimento integralista brasileiro esteve presente no pensamento do líder, Plínio Salgado. Exilado em Portugal de 1939 a 1946, regressou ao Brasil e levou uma nova composição metodológica através da Democracia Cristã e do Estado Novo português. O integralista teve dois mandatos pelo Partido de Representação Popular (PRP), 1959 a 1963 e 1963 a 1967. Após o Ato Institucional n. 2, ingressou na Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e teve também dois mandatos: 1967 a 1971 e 1971 a 1974. Esta investigação tem como propósito analisar o período parlamentar de Salgado, que, entre outras características, foi marcado pela defesa de Portugal no Brasil e pela tentativa de implantar um regime corporativista semelhante ao existente em Portugal. Com uma proposta nacionalista e basicamente católica, Salazar inspirou Plínio, que passou a defender os interesses lusitanos, inclusive em relação às particularidades do país, como nas guerras coloniais.

Palavras-chave: integralismo; ARENA; parlamento; corporativismo; transnacionalismo.

CORPORATISM AND TRANSNATIONALISM IN THE ARENA: PORTUGAL AS INSPIRATION IN THE PARLIAMENTARY ACTIONS OF PLÍNIO SALGADO

Abstract: The central political composition of the Brazilian Integralist movement was found in the thinking of the leader, Plínio Salgado. Exiled in Portugal from 1939 to 1946, he returned to Brazil and adopted a new methodological composition through Christian Democracy and the Portuguese Estado Novo. The integralist held two mandates via the Popular Representation Party (PRP), from 1959 to 1963 and 1963 to 1967. After the Institutional Act no. 2, he joined the National Renewal Alliance (ARENA) and again held two terms: 1967-1971 and 1971-1974. This investigation aims to analyze the Salgado parliamentary period, which among other characteristics, was marked by the defense of Portugal in Brazil and by the attempt to establish a corporatist regime similar to the one in Portugal. With a nationalist and basically Catholic perspective, Salazar inspired Plínio, who went on to defend the Lusitanian interests, including those in relation to the particularities of the country, such as the colonial wars.

Keywords: integralism; ARENA; parliament; corporatism; transnationalism.

¹ Este trabalho é resultado do financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com estágio (*Junior Visiting Fellow*) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGH/PUCRS). É Investigador estrangeiro associado ao Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR/UCP). Líder do grupo de pesquisa *Portugal e Brasil no Mundo Contemporâneo: identidade e memória* (CNPq). Coordenador da Rede Internacional de Investigação *Direitas, História e Memória*. E-mail: leandro.goncalves@puhrs.br

Introdução: Plínio Salgado e o integralismo na ótica transnacional

Fundada em 1932, a Ação Integralista Brasileira (AIB) possibilitou o crescimento político e intelectual do seu mentor, Plínio Salgado. No contexto dos anos 1930, em que as propostas fascistas estavam em voga, com pretensões ambiciosas, o líder do movimento estabeleceu ações que o transformaram em referência na sociedade brasileira.

Com matrizes múltiplas, Salgado tinha como propósito a construção de uma doutrina política original, no entanto, a circularidade de ideias do período fez com que o Chefe sofresse influências consideráveis para a formação de seu pensamento. Buscou em Portugal o exemplo doutrinário, o Integralismo Lusitano (IL): um movimento de cunho nacionalista da direita radical com visível formação embasada na precursora do conservadorismo, a *Action Française*. Esta, como todos os grupos políticos do princípio do século XX, estabeleceu uma resposta prática para a teoria proferida pelo Papa Leão XIII, em 1891, através da *Rerum Novarum* (GONÇALVES, 2014b). Após a influência lusitana na formação do pensamento pliniano e a idealização do integralismo, novamente Portugal foi um destaque na organização doutrinária de Plínio Salgado, quando passou os anos de 1939 a 1946 no exílio, durante o período do Estado Novo getulista, momento que utilizou para reordenar seu pensamento, suas ações e articulações políticas, tendo a vertente do espiritualismo católico como força central.

Pautado no conceito de transnacionalismo, entende-se a relação entre os dois países no âmbito da circularidade cultural e a trajetória de Plínio Salgado. Compreende-se como um processo pelo qual os imigrantes constroem campos sociais que vinculam seu país de origem com o de assentamento, considerando transmigrantes aqueles que constroem esses campos sociais, mantendo múltiplas relações e unindo fronteiras entre países (SCHILLER; BASCH; BLANC, 1995). A permanência de Plínio Salgado em Portugal, bem como a relação estabelecida com esse país, é identificada pela criação de um espaço social transnacional, que consiste em uma combinação prolongada de laços sociais e símbolos reforçados, seus conteúdos, posições em redes e organizações que podem encontrar-se em numerosos Estados (FAIST, 2000).

Em Portugal ocorreu a base de inspiração central para a formação política e intelectual de Plínio Salgado, sendo possível, com a transnacionalidade, compreender a rede de identidade criada entre Brasil e Portugal dentre os seguidores da política conservadora radical e da trajetória do chefe integralista. Vê-se que, na cultura política, os conceitos de representação para promoção de redes estão caracterizados na amizade, caridade, gratidão, cumplicidade, magnificência,

dentre diversos outros meios de ligação social. A amizade em torno de semelhanças políticas gerou inúmeros benefícios, a começar com o exílio para Portugal em 1939, estabelecendo ações políticas e uma nova composição no contexto para o retorno ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial (GONÇALVES, 2014a). Com o regresso em 1946, Plínio continuou suas ações através do Partido de Representação Popular (PRP), quando teve dois mandatos como deputado federal, (1959 a 1963 e 1963 a 1967) e foi candidato à Presidência da República, em 1955, obtendo 8,28% dos votos.

Com o fim do período ditatorial varguista, retornou para o Brasil com a afirmação de ser um luso-brasileiro, passando a ser um defensor supremo da política de António de Oliveira Salazar, imagem que seguiu até o fim da vida. Com o regresso, trouxe a cultura portuguesa como continuidade de inspiração. Como discurso político, passou a ser um defensor da democracia cristã, reflexo do momento e da habilidade de Plínio. O integralista passou a defender com veemência uma proposta democrática no novo ambiente que o Brasil vivia após o Estado Novo getulista; no entanto, a antidemocracia foi a base desse novo pensamento construído em Portugal através do modelo de sucesso que possuía no poder de António de Oliveira Salazar, um ditador que sobreviveu à queda do autoritarismo europeu e que não estava caracterizado no rol do fascismo continental (PINTO, 1992).

Com uma proposta nacionalista e basicamente católica, Salazar inspirou Plínio, que passou a defender os interesses lusitanos no Brasil, inclusive em relação às particularidades do país, como nas guerras coloniais. O integralismo do pós-guerra no PRP buscou a criação de uma política democrata cristã inspirada na mensagem natalina do Papa Pio XII, que discursou contra o fascismo e o comunismo.³ Dessa forma, passou a defender uma organização basicamente espiritual para a sociedade. Fato é que retornou ao Brasil em 1946 com uma “nova” concepção política, com ideias que foram criadas, discutidas e refletidas com base nos anos de exílio em Portugal e, com elas, retornou ao Brasil para ser uma espécie de “Salazar brasileiro”.

³ O discurso radiofônico do Papa Pio XII apresentou uma significação fundamental para o estabelecimento da política da segunda metade do século XX. Influenciado pelo pensamento de Jacques Maritain, especialmente pelo livro *Princípios duma política humanista*, o papa estabeleceu uma nova ordem, gerando inúmeros debates políticos em todo o mundo, em torno do maritanismo, propondo uma democracia cristã contra a liberal (COMPAGNON, 2003).

Plínio Salgado e Portugal no âmbito do golpe civil-militar

As transformações existentes no Brasil dos anos 1960 resultaram em mudanças significativas na trajetória política de Plínio Salgado, porém sem tirar o foco da influência portuguesa em sua vida. Em 27 de outubro de 1965, quando o governo militar decretou o Ato Institucional número 2 (AI-2), extinguindo todos os partidos políticos, uma série de instabilidades ocorreram entre os integralistas, principalmente em seu líder, Plínio Salgado, que sofria pressões em relação ao tema desde 1964.

A insatisfação com a atitude ditatorial continuou mesmo após o decreto do AI-2, apesar de Plínio não ter tido escolha: ou ficava ao lado do governo, na Aliança Renovadora Nacional (ARENA), ou no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), uma oposição possível. Com seu histórico e seus interesses políticos, não restava dúvidas de que a escolha seria pela ARENA, no entanto, a tarefa não foi fácil, pois muitos filiados do PRP e líderes estaduais não aceitaram a migração, principalmente porque seriam minoritários no novo partido. Entretanto, a influência e o poder do Chefe fizeram com que, em âmbito nacional, a maior parte dos integralistas passasse a figurar na ARENA, a partir de 1965. O líder dos integralistas teve dois mandatos: 1967 a 1971 e 1971 a 1974.

Nos antecedentes do golpe civil-militar, que implantou o regime autoritário em 1964, no contexto das alterações políticas e da crise institucional do governo Jango, Plínio Salgado fez sua última viagem para Portugal, em maio de 1962. Assim como na viagem de 1960, aproveitou um compromisso oficial para visitar o antigo exílio.

Ao lado de outros parlamentares, em abril, foi para Roma participar da Conferência da União Interparlamentar, evento que ocorreu em complemento à reunião semelhante ocorrida em Bruxelas (SALGADO, 1962c). Antes, porém, fez uma escala em Lisboa e, no aeroporto, concedeu uma entrevista à Rádio Clube Português, com transmissão da Estação da Parede, em 19 de abril, às 17h.

[...] aqui vivi oito anos, fiz grandes amizades. Amo profundamente esta terra, não somente pelo afeto que ela despertou em mim durante esses oito anos, mas pela tradicionalidade do nacionalismo brasileiro que se enraíza em Portugal. Vou a Roma tomar parte da Conferência da União Interparlamentar, mas pretendo no dia 8 de maio volver a Lisboa para rever amigos, para matar saudades deste povo e desta terra que tanto amo (SALGADO, 1962e).

Conforme estabelecido, retornou a Portugal e, durante uma semana, procurou criar articulações políticas e ações nacionalistas. O carinho e a atenção dos portugueses com o

integralista era visível, os principais veículos da imprensa noticiavam a presença do ex-exilado e seguiam seus passos. Seu principal aliado no exílio era o periódico *Novidades*, que afirmou: “É Plínio Salgado um dos expoentes mais representativos do mundo lusíada de aquém e além Atlântico” (SALGADO, 1962a). O integralista, por sua vez, agradecia e exaltava a sociedade: “Portugal é o sítio onde eu gosto de estar... – afirmou na sua fala simples do interior de S. Paulo. Tenho aqui – continuou – muitas amizades, muitas relações” (SALGADO, 1962c). Essas relações não estavam somente no vínculo pessoal. Mais uma vez, a defesa política portuguesa esteve em pauta no sentido de exaltar Portugal (e Espanha)⁴ como modelos políticos a serem seguidos pela sociedade cristã. Em entrevista, afirmou: “Sob o aspecto brasileiro, temos de apoiar Portugal. Portugal e Espanha. A Península Ibérica é um dispositivo admirável que o comunismo se esforça a todo o transe por conquistar todo o Ocidente” (SALGADO, 1962a). Plínio ressaltou a existência de um forte grupo parlamentar brasileiro a favor de Portugal no problema colonial, que ainda era temática dominante no Estado Novo. Ao jornal *Diário de Notícias*, destacou: “Estive com alguns parlamentares brasileiros que visitaram Angola, Moçambique e a Metrópole. Posso dizer, pelo que ouvi, que Portugal conquistou verdadeiros amigos defensores da sua causa” (SALGADO, 1962b).

A discussão em torno do modelo de honradez cristã existente na Península Ibérica contra o comunismo continuou por vários anos, no sentido de verificar o sistema corporativista como a melhor solução contra o comunismo. Em novembro de 1964, foi publicado, em Portugal, um artigo sobre o Santo Condestável e, nele, Plínio aproveitou para mais uma vez exaltar a Península Ibérica no combate ao comunismo: “Os dois povos heroicos – Portugal e Espanha – deviam estar separados para o cumprimento de uma missão com a glória para ambos” (SALGADO, 1964a; 1964b).

A discussão colonialista africana, como um elemento anticomunista, era a temática daquele momento. Todas as grandes discussões estavam em torno do assunto e, em entrevista ao

⁴ Uma das últimas entrevistas de Plínio Salgado antes de morrer foi para a *Agência S de Madri* na presença do repórter Manoel Pelegrini, em novembro de 1975. Nela destacou que: “O General Francisco Franco foi uma das figuras contemporâneas mais notáveis pelo que representou na História de sua Pátria, num momento difícil para sustentar a independência e a soberania da Nação. Às vésperas da grande guerra mundial, quando o imperialismo soviético desencadeou suas forças militares na Península Ibérica, Franco marchou de Marrocos para Andaluzia, prosseguindo rumo ao norte onde parecia já vencedor o governo Bolchevista, praticando as maiores barbaridades. Numa guerra longa, foi apoderando-se de cidade por cidade até a conquista de todo o território e finalmente estabelecendo um regime que restaurou a ordem e a tradição nacionais. Daí por diante consolidou o prestígio da Espanha na Europa e no mundo e o seu próprio como grande estadista” (SALGADO, 1975e).

Diário Ilustrado, Plínio analisa a existência do projeto soviético para ter o controle do nordeste brasileiro a partir da África: “Eu penso que a Rússia está interessada em possuir bases militares em África para atingir a América do Sul. [...] Tendo a Rússia o nordeste brasileiro como campo de ação, como já acentuei, ser-lhe-ia na verdade fácil, com bases em África, atingir aquele ponto” (SALGADO, 1962c). Uma clara posição no sentido de intensificar o elemento anticomunista brasileiro e transferir a luta a favor do corporativismo português.

Não há dúvidas de que o momento máximo da sua última visita a Portugal foi o dia 15 de maio, onde esteve das 12h às 13h15. Plínio Salgado esteve reunido na residência particular do presidente do Conselho, António Oliveira Salazar. Os contatos entre os dois até então haviam sido sempre com rapidez, mesmo porque a área social não era uma das virtudes de Salazar. O próprio Plínio, em um discurso no plenário da Câmara, afirmou: “Salazar nunca me ofereceu festins” (SALGADO, 1982). Estar ao lado do líder português representou muito para Salgado, que o enxergava como modelo político. Ao sair da reunião, declarou aos jornalistas: “Com Salazar aprende-se muito” (COM SALAZAR, 1962). Segundo agenda do governante português, a reunião teve como pauta a “política brasileira e política luso-brasileira – política ultramarina portuguesa e política africana do Brasil” (SALAZAR, 1962). Pelo momento vivido, Salazar não tinha outro assunto para conversar com Salgado. A discussão ultramarina era a preocupação central do governo salazarista. O jornal oficial do Estado Novo, *Diário da Manhã*, sobre a reunião, noticiou:

A entrevista que durou cerca de hora e meia decorreu num ambiente de grande cordialidade, tendo o Sr. Dr. Oliveira Salazar, no final, acompanhado até a porta o eminente político brasileiro. A saída, os jornalistas presentes quiseram saber as impressões do Dr. Plínio Salgado, desde seu novo encontro com o Chefe do Governo português. Plínio Salgado declarou então: – Quando se está com o Prof. Oliveira Salazar aprende-se sempre muito. Durante o nosso encontro abordamos diversos problemas, tanto nacionais como internacionais, e examinamos a expansão do Mundo com as correntes que hoje são a melhor lembrança da clarividência e do equilíbrio de Salazar que considero um dos maiores estadistas do nosso tempo (COM SALAZAR, 1962).

A exaltação mais uma vez foi visível, Plínio buscava ser esse estadista, no entanto, o tempo no Brasil estava passando e ele não alcançava seu objetivo. Na viagem a Portugal, como de costume, encontrou-se com o Cardeal Patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira, no Paço de Santana, e foi homenageado no centro do nacionalismo conservador português, o Círculo Eça de Queiroz (COM SALAZAR, 1962).

No retorno para o Brasil, encontrou um país cada vez mais inserido em uma crise institucional com o advento do parlamentarismo e um possível plebiscito. Durante o governo Jango, percebe-se Plínio Salgado como um deputado federal mais atuante nas articulações políticas em relação à questão do sistema parlamentarista, sem dúvida, com a intenção de ter benefícios com o novo regime, que fortalece o legislativo. Em algumas entrevistas em Portugal, fez grandes elogios ao novo sistema político brasileiro, inserindo o parlamentarismo brasileiro como o mais correto do mundo: “Todos os partidos fazem parte de um conjunto de interesses nacionais [...] O caso do meu país, portanto, é o que me parece mais certo e mais de acordo com o interesse geral” (SALGADO, 1962c).

Em setembro de 1961, fez uma série de pronunciamentos a favor do sistema parlamentar (SALGADO, 1982). Como consequência da renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto⁵ e nos meses seguintes, diversos debates foram travados na tentativa de influenciar a escolha do presidente do Conselho de Ministros.⁶ As ações de Plínio Salgado foram de críticas ao contexto econômico e político em que o Brasil estava inserido e, em 1962, em plena crise política, afirmou: “Fala-se em revolução – evidentemente contra o sistema parlamentar e as instituições vigentes. Nós também temos o direito de pregar outra revolução, para repor a ordem em nosso País”(SALGADO, 1982, p. 165). Com dois anos de antecedência, o parlamentar fixava a sua posição em torno de uma “revolução” brasileira, sendo ele e seu grupo integralista representantes do conservadorismo radical brasileiro, os mais eufóricos com o golpe civil-militar de 1964.

O momento pré-golpe foi cercado de discussão no legislativo e na imprensa, que debatia com intensidade as “Reformas de Base” propostas pelo presidente João Goulart, que passou a ter plenos poderes, após o plebiscito de 6 de janeiro de 1963.⁷ O ano presidencialista de Jango foi

⁵ No mesmo dia, foi à tribuna defender o Congresso Nacional de qualquer ato golpista de cunho ditatorial, uma crítica aberta ao plano janista (SALGADO, 1982).

⁶ Após o golpe para a implantação do parlamentarismo, Tancredo Neves (PSD) assumiu o posto de presidente do Conselho de Ministros em 8 de setembro de 1961. Em 12 de julho, passou a ocupar o cargo Francisco de Paula Brochado da Rocha (PSD), no entanto, o nome foi rejeitado por Plínio Salgado, que tinha preferência por Auro Moura Andrade (PSD), presidente do Senado, que articulou o golpe parlamentarista após a renúncia de Jânio e tinha convergências com Plínio, pois participaram juntos, em 1964, da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Antes já havia negado o nome de San Tiago Dantas (PTB) e também esteve contra o nome aprovado do último presidente do Conselho, Hermes Lima (PTB) (SALGADO, 1962d; 1982).

⁷ As Reformas de Base tinham como propósito promover uma alteração estrutural nos setores da educação, fiscal, político e agrário. Para Plínio Salgado, a questão agrária era, sem dúvida, a mais “explosiva”. Dessa forma, o PRP manifestou ser contrário à reforma da forma apresentada pelo governo para votação. O líder do PRP discursou: “a minha bancada apresentou um projeto criando o Fundo Nacional para a Reforma Agrária. Nossa intenção era tirar dinheiro de onde ele existe para pô-lo onde não existe. Onde existe o dinheiro? Nas indústrias, nos bancos, nas

marcado por crises políticas e, principalmente, institucionais.⁸ A gravidade política culminou com a queda do presidente, que, inserido em um espectro comunista brasileiro, cedeu lugar aos militares, sendo esses recebidos com a exaltação integralista.

O PRP teve uma intervenção relevante no processo que conduziu ao golpe civil-militar de 1º de abril de 1964, ainda que esta seja praticamente desconsiderada pela historiografia. Esta intervenção se efetivou tanto através das manifestações públicas do partido nos meses que antecederam o golpe, através de manifestos, notas públicas e discursos parlamentares, quanto pela articulação concreta de lideranças integralistas com outros grupos golpistas, sempre tendo como tônica principal o anticomunismo (CALIL, 2010, p. 307).

Era o fim da “democracia” brasileira. Com o golpe civil-militar, em que um dos sustentáculos foram os integralistas, principalmente através do discurso anticomunista, inaugurou-se no Brasil a maior ditadura, que inclusive ocasionou o fim do PRP. No entanto, muitos – inclusive o próprio Plínio Salgado – tinham a expectativa de ser o momento de o integralismo brasileiro, a partir de 1964, finalmente criar uma organização política-cultural verdadeiramente nacionalista corporativista, com a implantação do luso-brasileirismo.

A expectativa frustrada dos integralistas no poder: ações corporativistas e o caminho da educação

Dias após o início do novo regime, Plínio Salgado fez questão de focar na Câmara o apoio do PRP ao general Castello Branco, com exaltações à figura do militar. Percebe-se claramente a intenção de ter algum benefício político, principalmente após o apoio concedido ao golpe (SALGADO, 1982). Em várias oportunidades, o plenário da câmara foi palco para elogios e exaltações ao general Olímpio Mourão Filho, um dos idealizadores do golpe – e antigo membro da AIB (um dos idealizadores do Plano Cohen) – e a outros representantes da política nacional que contribuíram para a implantação de fato da expressão nacionalista no Brasil contra o “grande mal” que assombrava o mundo, o comunismo (SALGADO, 1982).

Plínio Salgado tinha a esperança que 1964 fosse o momento dos integralistas no poder, pois, com um discurso nacionalista de defesa da soberania nacional e de um Brasil forte, a

corridas de cavalo, nos empreiteiros de obras públicas. [...] Quem não está de acordo? O Governo” (SALGADO, 1982, p. 249).

⁸ Ao analisar a crise, deixa explícita a defesa por mudanças políticas no Brasil e aponta um processo “revolucionário” como a saída para a crise brasileira (SALGADO, 1982).

doutrina militar possuía determinados focos compactuantes com suas ideias. Em muitos momentos, por necessidade política, fez discursos a favor do regime, no entanto, em outras oportunidades, proferiu uma crítica possível. Em janeiro de 1965, em entrevista, desconsiderou a visão militar de um ato revolucionário, não concordando que 1964 representara o início de uma mudança drástica no Brasil. O motivo era bem simples, não havia o integralismo.

Não posso denominar revolução o episódio de 31 de março. Foi apenas um movimento patriótico, que se destinava a deter a demagogia dissolvente exercida pelo presidente João Goulart. Uma revolução traz ideologia, é portadora de uma doutrina. E o movimento de março, uma vez vitorioso foi (ele próprio) tomado de surpresa diante dos problemas nacionais que desde então deveriam ser submetidos a sua responsabilidade (SALGADO, 1965).

Com o decreto do AI-2, a insatisfação com o bipartidarismo passou a ser pública, meses após o decreto institucional, mesmo assim, voltou com a proposta salazarista da Câmara Orgânica (corporativa). Em dezembro de 1966, o presidente militar, Castello Branco, decretou o AI-4, transformando o Congresso Nacional em Assembleia Nacional Constituinte com o objetivo de elaborar uma Carta Constitucional para o Brasil dos militares. Antes, porém, o governo afastou a oposição e pressionou o parlamento com algumas ações e interesses golpistas. Após algumas discussões, a carta foi votada, em 24 de janeiro de 1967, e colocada em vigor no dia 15 de março de 1967, no entanto, o texto constitucional brasileiro não agradou a Plínio Salgado, que afirmou, antes da votação:

Não vejo na nova Constituição nada de revolucionária em face da vida moderna. Apresentei emenda, que entendo seja a única coisa revolucionária, encarnando não só o espírito do movimento de março de 1964, mas principalmente atendendo à realidade social, econômica e humana do povo brasileiro. Trata-se da criação da Câmara Orgânica (SALGADO, 1982, p. 283).

O projeto de emenda constitucional n. 609 foi elaborado por Plínio Salgado, no entanto não foi aprovado. Houve uma discussão, mas sem sucesso. O sub-relator do capítulo do Poder Legislativo, senador Vasconcelos Torres, convocou-o para maiores esclarecimentos sobre a proposta e justificou o encontro: “A emenda do Sr. Plínio Salgado é muito longa, mas não foi acompanhada de justificção, motivo do encontro solicitado pelo senador” (PLÍNIO QUER, 1966, p. 4). A proposta tinha como base o segmento da Câmara Econômica de 1959 e a Câmara Corporativa do Estado Novo português. No projeto, a proposta era constituir “representantes

diretos das categorias econômicas e culturais da Nação, eleitos pelos órgãos de classe” (SALGADO, 1982, p. 154) e, dessa forma, criar a verdadeira representação social para a nacionalidade brasileira (PLÍNIO CRÍTICA, 1966). Com a emenda, Plínio definia que “a Câmara Orgânica será o início dessa revolução” (SALGADO, 1982, p. 154). No entanto, foi mais um projeto de origem lusa que fracassou.

A insatisfação de Plínio Salgado com a situação política era notória. Em 9 de abril de 1967, três anos após o golpe, o líder integralista escreveu um artigo para o *Diário de São Paulo*, chamado *Problemas da ARENA e do MDB*, e nele teceu duras, violentas e perigosas críticas ao regime.

[...] em substituição à multiplicidade das legendas, oficializaram-se apenas dois partidos: o governista e o oposicionista. [...] Passaram a existir, portanto, dois conglomerados heterogêneos, um denominado ARENA, cuja missão é apoiar incondicionalmente todos os caprichos do Governo; outro com o nome de MDB, cuja tarefa tem sido a de vigiar os atos governamentais e denunciar os erros cometidos sob o ângulo da crítica oposicionista. Verificamos, assim, que politicamente a Revolução representou um retrocesso (SALGADO, 1967).

O histórico integralista de base cristã, anticomunista, antiliberal e nacionalista, salvou-o de problemas com o governo militar, até mesmo porque a crítica era em relação à falta de credibilidade que os parlamentares da ARENA possuíam. No artigo, lamentava o fato de estar sempre ao lado do governo e nunca ganhar nada em troca, afirmando que a fidelidade não poderia se transformar em uma subserviência (SALGADO, 1967). A existência da ARENA tinha justamente essa função: colocar ao lado do governo o maior número de parlamentares com o objetivo de fortalecer o regime, servindo assim como *bode expiatório e objeto de chacota* na sociedade política brasileira (GRINBERG, 2009). Não há dúvidas de que esse foi o motivo para que Plínio Salgado utilizasse ainda mais seu tempo como parlamentar, ocupando o cargo de relator na Comissão de Educação e Cultura e estabelecendo propostas relacionadas à educação brasileira, sendo a de maior destaque a criação da “Educação Moral e Cívica”, projeto compactuante com a doutrina nacionalista do movimento integralista. Em 1970, foi entrevistado pela revista *Veja*, que questionou a causa do abandono do plenário da Câmara e a presença apenas nas comissões. O deputado justificou, sem grandes explicações:

Para não me comprometer. Mas outros companheiros continuam no plenário e com destaque, como o líder Raimundo Padilha. O movimento integralista, no momento, prefere continuar em atitude discreta. Renunciou à camisa-verde, aos

anauês, formas de comunicação já superadas, mas existe (SALGADO, 1970b, p. 23).

Dizia ser o fundador do nacionalismo brasileiro (MÉDICI, 1971), um nacionalismo cristão que, na visão do deputado, apresentava forças políticas em 1970 (SALGADO, 1970). O mesmo nacionalismo que sempre pregou, no entanto, com alterações e adaptações de acordo com a governabilidade política do Brasil. Percebe-se que tinha uma possibilidade de ação política mais favorável no regime democrático brasileiro nos tempos do PRP do que na ditadura dos militares, com os mandatos da ARENA. Em 1959, ano do início da vida legislativa, afirmava com propriedade que o nacionalismo representava a vitória da AIB (PLÍNIO SALGADO, 1959), pois os integralistas foram os primeiros a levantar a bandeira do nacionalismo no Brasil (COMO, 1959) e que a solução para a nação era o integralismo, pois possuía a fórmula para o salvacionismo (SALGADO, 1959d).

As várias propostas do integralismo, fortificadas na década de 1950 com a relevância política alcançada por Plínio Salgado⁹, caíram em desuso e, aos poucos, a doutrina e o líder deixaram de ter a importância de antes na década de 1970. Os projetos relacionados à educação e à moralidade talvez tenham sido as maiores relevâncias da sua legislatura. Em consonância com o projeto educacional, publicou, em dezembro de 1964, a obra *Compêndio de instrução moral e cívica*, ideia que estava em curso e que teve como consequência o *Decreto-Lei n. 869*, em 12 de dezembro de 1969, que estabeleceu a disciplina de Educação Moral e Cívica, como obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no país. Com um discurso “nacionalista”, essencialmente factual e baseado nos preceitos cristãos e conservadores do integralismo em defesa da família, nação, pátria, do casamento, das origens nacionais, do militarismo, culto aos heróis nacionais, da cidadania e de várias outras caracterizações para a “formação do espírito cívico e moral”, através da editora FTD, o livro passou a ser divulgado para professores e diretores, principalmente após a assinatura do decreto.

Embalado com o sucesso da obra, pois passou a ser convidado para conferências em todo o Brasil para analisar a Educação Moral e Cívica, lançou, em outubro de 1969, uma edição com dois volumes intitulada *História do Brasil*, uma espécie de livro didático, lançado pela mesma editora. Analisando desde a antiguidade e a formação de Portugal (para Plínio Salgado a História

⁹ A educação sempre foi uma vertente para o estabelecimento da doutrina pliniana. Na década de 1950, a Livraria Clássica Brasileira lançou um projeto para a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* (CHRISTOFOLETTI, 2002; 2010). Na coletânea, Plínio dedicou atenção especial ao tema, ver: Salgado (1959a; 1959b; 1959c).

do Brasil começa com o surgimento de Portugal) até a república brasileira, contribuiu para o ensino metódico no Brasil.¹⁰

Há uma importância fundamental na análise histórica e tradicionalista proposta por Plínio Salgado, uma vez que o legado do nacionalismo ditatorial ultrapassou o período e teve fim somente em 1993, com a revogação do Decreto-Lei n. 869, de 12 de dezembro de 1969 (BRASIL, 1969). Em alguns setores, havia críticas em relação à ideia de Plínio Salgado ser o “ideólogo” da Educação Moral e Cívica, principalmente pelo passado integralista e a relação notória com o fascismo. Em 1973, na seção “Cultura” da revista *Veja*, foi feita uma recensão do livro *Compêndio de instrução moral e cívica* e o comentário foi estabelecido no sentido de questionar a obra e, ao mesmo tempo, o idealizador, fixando que o momento de Plínio como intelectual já não mais existe:

O pedagogo Salgado, que na década de 30 liderou um movimento de regeneração nacional conhecido pelo nome de Partido Integralista, não é exatamente o mais qualificado dos mestres de civismo. Seu partido, cópia raquítica e megalomaniaca dos movimentos fascistas europeus, chegou a pregar a superioridade da raça ariana e o perigo dos judeus. Mesmo levando-se em conta que o ex-Chefe Nacional, hoje um sonolento deputado da Arena, não era um pregador do racismo, da mesma forma que não embolsava os 20 contos mandados mensalmente por Benito Mussolini, Salgado é muito mais assunto para discussão do que um oráculo a ser ouvido. Em seu livro, de 153 páginas, onde ressalta um correto uso do idioma, não há uma só menção à Segunda Guerra Mundial nem ao fato de que a Força Expedicionária Brasileira foi à Itália (ABAIXO, 1973, p. 22).

¹⁰ Cf. Salgado (1970a). A temática nacionalista ligada ao patriotismo ufanista esteve presente na produção pliniana nesse mesmo sentido em *O ritmo da História*, quando em 1949 reuniu alguns artigos publicados nos periódicos integralistas do pós-guerra (SALGADO, 1978). A mesma preocupação possuía os Águias-brancas do CCCJ, que periodicamente lançavam, através da “Coleção Águia Branca”, livros de cunho catequético e doutrinador como: *Euclides da Cunha*, obra que tem como propósito a defesa de matrizes nacionalistas, nesse caso, o autor de *Os sertões* (SALGADO; SILVEIRA, 1954). A mesma temática esteve presente em vários discursos no Congresso Nacional, com a intenção clara de se dizer “dono” do nacionalismo brasileiro (SALGADO, 1982). Com a proposta de exaltar valores históricos, sempre proferia discursos históricos de momentos “heroicos” da História do Brasil, sendo a maior relevância em 10 de junho de 1965, quando proferiu sobre a Guerra do Paraguai (SALGADO, 1995). Como relator da Comissão de Educação e Cultura, aprovou projetos com a mesma temática: Projeto 1358/59: autoriza o poder executivo a abrir, pelo Ministério da Educação, o crédito especial de Cr\$ 2.000.000,00, para o custeio de uma edição completa de discos, da obra musical do maestro Villalobos. Pareceres na Comissão de Educação (17-08-1960); Projeto 860/67: dispõe sobre a forma e a apresentação dos símbolos nacionais e das outras providências. Pareceres na Comissão de Educação; Projeto 2140/70: institui o dia da comunidade afro-brasileira e dá outras providências. Pareceres na Comissão de Educação; Projeto 1.816/60: suprime da letra do Hino Nacional Brasileiro o segundo grupo de estrofes. Pareceres na Comissão de Educação (16-08-1960). Esse projeto tem um destaque especial por ter como proposta um regimento estabelecido nos *Protocolos e Rituais da AIB* (SALGADO, 1961; 1982). A defesa do nacionalismo continuou até o fim da vida, principalmente em relação aos componentes históricos, sendo considerado uma espécie de referência do nacionalismo brasileiro. Constantemente, era convidado para contribuir de alguma forma com o tema. Em 1969, foi chamado por Agostinho José Rodrigues para prefaciá-lo uma obra sobre a participação dos pracinhas na Segunda Guerra Mundial (SALGADO, 1976b).

Em relação à educação, enxergava a necessidade de complementos para o aperfeiçoamento intelectual, e um fator de extrema necessidade para a fortificação cultural era a necessidade de agir com intensidade na questão moral. O integralismo “convocou a sociedade” a lutar a favor do moralismo social brasileiro: “há aí algum brasileiro digno que não esteja disposto a ajudar uma campanha necessária e urgentíssima contra o desbragamento dos agentes da desordem moral e do apodrecimento das famílias?” (SALGADO, 1970c). Com essa visão conservadora e cristã, foi relator do Projeto 766-A/67, que tinha como proposta básica a extinção da loteria federal. “O que nos cumpre (por nos competir zelar pela educação no País) é apreciar os aspectos morais do problema” (SALGADO, 1982, p. 820). O projeto não foi aprovado por ter sido rejeitado na Comissão de Constituição e Justiça. No entanto, Plínio Salgado alcançou vitória com o projeto 135/70 da Comissão de Educação e Cultura, que tinha como proposta a censura prévia com a intenção de impedir erotismo e pornografia no Brasil.

Foi aprovado pela Câmara dos Deputados, no dia 13 do corrente, por 17 votos contra 44 e uma abstenção, o texto do Decreto-lei n. 1077, de 26 de janeiro de 1970, que estabelece a censura prévia visando extirpar do País a divulgação deletéria, imoral e pornográfica, coibindo uma verdadeira onda de desintegração social provocada pela imaginação mórbida dos agentes do chamado erotismo internacional (UMA PÁGINA, 1970).

O “erotismo internacional” era atribuído ao comunismo internacional, dessa forma, a censura de cunho moral ganhou justificativas políticas: “É preciso conhecer a técnica e a tática do comunismo internacional para se perceber o alcance da sua mais recente orientação no mundo ocidental: a desmoralização dos costumes” (SALGADO, 1982, p. 839). Segundo o autor, a aprovação do projeto “levantou contra mim uma onda de impropérios de certa imprensa, a qual, sem exame da matéria, deturpou o decreto presidencial e carregou contra mim as suas baterias, anunciando que eu desejava arrolhar os jornais, revistas e outros meios de comunicação” (SALGADO, 1975b). Como relator do projeto, contribuiu com a ditadura através da imposição de limites aos meios de comunicação, convergindo com o que estava em vigor em Portugal, desde a década de 1930.

Sua proposta no integralismo sempre caminhou no sentido de focar a nacionalidade, no entanto, o momento era outro, no Brasil não havia mais espaços para o nacionalismo integralista, principalmente porque o líder estava velho e cansado e as ideias filosóficas não eram suficientes

para arregimentar os filiados. No ano que assumiu o primeiro mandato como deputado federal, sobre o nacionalismo teorizou: “Somam-se todos os séculos, como todos os filhos da mesma Nacionalidade somam-se no esforço comum e na comunhão do mesmo espírito da comunidade social e política” (SALGADO, 1954, p. 154-155). No entanto, ocorreu um processo de consolidação ditatorial no regime militar, impedindo que as propostas iniciais do PRP pudessem seguir após 1964, restando a Plínio a educação ou a “sonolência”.

Com a continuidade da ditadura, o fim de Plínio Salgado

“A volta do fantasma”. Com essa expressão crítica, a imprensa anunciou, em maio de 1970, a decisão de Plínio Salgado em concorrer novamente a uma cadeira no Congresso Nacional pela ARENA, justamente no mesmo ano em que a sua grande influência do pós-guerra morreu em Portugal.¹¹ Com um discurso irreal¹², afirmou ter 700.000 integralistas prontos para o combate, bastava uma ordem e a mobilização seria feita, e apontava para os “terroristas” (comunistas) a culpa pela necessária ditadura, ou seja, o discurso continuava com a mesma justificativa da década de 1930. No entanto, afirmava que o integralismo seria uma doutrina para os homens do século XXI (SALGADO, 1970b). Um bode expiatório, como todo arenista, foi eleito e assumiu o último mandato com a retomada da proposta para a efetivação da Comunidade Luso-Brasileira. O programa da Emissora Nacional *Momento 71*, em comemoração ao Dia da Comunidade Luso-Brasileira e ao espírito de cooperação entre os dois países, retransmitiu uma participação dele no programa *Caravela da Saudade* da TV Tupi. O programa da Emissora Nacional foi levado à sociedade portuguesa em 22 de abril de 1971 e apresentou uma série de festividades entre os dois países. O integralista no programa brasileiro discursou no sentido de apresentar, mais uma vez, sua ligação direta e íntima com Portugal.

Entendo que a ideia da comunidade lusíada é uma ideia luminosa, porquanto nós constituímos os dois povos que dominam as margens do Atlântico, tanto de um lado como de outro, como os latinos costumavam chamar o Mediterrâneo, o Mare Nostrum de Roma, nós poderemos chamar ao Atlântico, o Mare Nostrum da gente lusitana. Grandes interesses nos ligam no atual momento internacional

¹¹ Em discurso no plenário, elogiou a política portuguesa salazarista e a força de Portugal no mundo, assumindo ser um admirador e influenciado pelo ex-líder português (SALGADO, 1982).

¹² A “mania de grandeza” de Plínio Salgado é uma das dificuldades que a historiografia encontra para ter precisão de alguns dados, pois muitos documentos oficiais foram perdidos, restando a palavra do “Chefe”. Em 1973, em depoimento para a revista *Realidade*, afirmou que o integralismo estava presente em vários países, inclusive na Inglaterra, onde ocorreu a fundação do *Integralist Party* (CABRAL, 1973).

onde predomina a desordem, a anarquia, a confusão das ideias e o perigo de cairmos na ditadura cruel, na pior das escravidões que é o comunismo. Portugal e Brasil unidos formam uma grande e tradicional unidade que terá um papel relevante a desempenhar na situação atual do mundo. Foi criada na Câmara Federal a comissão para os assuntos luso-brasileiros e eu tive a honra de ser eleito presidente, sou presidente desta comissão que pouca coisa pôde fazer no ano passado, primeiro pelo recesso do parlamento, depois pelos imensos encargos de fim de ano, mas este ano reassumindo o meu posto pretendo dinamizar a comissão e tudo fazermos para dar efetividade prática a comunidade do mundo lusíada (SALGADO, 1971).

A relação com Portugal era inserida constantemente nos textos que publicava para o *Diário de São Paulo*. Em 10 de setembro de 1972, nas comemorações da semana da independência, publicou o artigo *Presença de Portugal* (SALGADO, 1972b). No entanto, era visível que sua força física estava no fim. No ano que ocorreu o fim do Estado Novo português, tema que acompanhou e criticou com veemência a partir de 25 de abril de 1974¹³, anunciou uma nova candidatura em um inflamado discurso que proferiu no congresso, justificando textos jornalísticos que comentavam a não entrada de Plínio no pleito por não concordar com os rumos políticos da ARENA (SALGADO, 1982). A nova candidatura chegou a ser planejada, com anúncios de campanha e uma organização para a reeleição (PLÍNIO RIDES, 1974), mas a entrada de Plínio Salgado no pleito não ocorreu, pois no mesmo ano decretou aposentadoria da vida pública. Com um discurso de uma vida dita “vitoriosa” (MANIA, 1974), despediu-se do cenário político brasileiro (SALGADO, 1976a) e passou a escrever artigos para jornais, sendo muitos ensaios cópias de textos conhecidos.

Morou em Brasília durante treze anos¹⁴ e lá construiu um sítio, que chegou a “confraternizar o reino vegetal com o animal” (SALGADO, 1973). Essa “convivência da natureza” possivelmente foi a causa da morte de Plínio Salgado, em 8 de dezembro de 1975. Em sua propriedade, foi picado por um inseto, o que gerou uma fraqueza, obrigando a mudança para São Paulo. Após alguns meses, o estado de saúde foi piorando e foi internado no Hospital São Camilo, teve ligeira melhora, mas, após receber alta, foi internado novamente no Hospital de

¹³ O autor publicou alguns artigos no sentido de expressar a sua insatisfação com os rumos políticos em Portugal, ou simplesmente em continuar o seu processo de exaltação do lusitanismo (SALGADO, 1975a; SALGADO, 1975d).

¹⁴ Relatou experiências sobre Brasília em Salgado (1973). No Distrito Federal, participou de diversas atividades culturais, como em uma pequena aula proferida na abertura da exposição promovida por *The Past* em setembro de 1974, meses antes da aposentadoria e que resultou no livreto: *Evolução histórica da gravura* (SALGADO, 1974).

Moléstias Digestivas e, em dezembro de 1975¹⁵, faleceu, sendo enterrado no Cemitério do Morumbi, espaço que até hoje é cultuado pelos “herdeiros” do movimento integralista.

Exaltado e idolatrado por uns, esquecido e ocultado por outros devido ao radicalismo de direita, foi indiscutivelmente uma figura polêmica no século XX. Com uma trajetória plena de tensões, representou um dos principais nomes da política brasileira, principalmente por ter sobrevivido a diversos momentos da história. Quando soube da morte, o presidente do MDB, Ulysses Guimarães, afirmou que o Brasil perdia um notável escritor (PLÍNIO SALGADO (1895-1975), 1974). Ao comentar o depoimento do congressista, a imprensa convergiu o pensamento de Plínio Salgado ao totalitarismo para discordar das palavras mencionadas. Com a morte do integralista, diversas homenagens foram feitas, principalmente entre os militantes.¹⁶ Houve a tentativa, sem êxito, de manter viva a memória do espiritualismo orgânico de Plínio Salgado, no entanto, o auge autoritário da década de 1930 representou uma força considerável e a relação com o fascismo jamais foi esquecida, uma das causas do fracasso do projeto salazarista brasileiro.

REFERÊNCIAS

I – Plínio Salgado

SALGADO, Plínio. *A batalha do Riachuelo* (10-06-1965) São Paulo: GRD, 1995.

_____. *Discursos parlamentares*. Seleção e introdução de Gumercindo Rocha Dorea. Série Perfis Parlamentares. V. 18. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982.

_____. *O ritmo da História*. 3. ed. São Paulo: Voz do Oeste; MEC, 1978.

_____. *Despedida do parlamento*: discurso proferido na sessão de 3-12-74, pelo deputado Plínio Salgado. 2 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 1976a.

¹⁵ Segundo relatos, Plínio Salgado sofreu nos últimos anos com o alcoolismo, o que contribuiu com a doença (NERY, 1995).

¹⁶ Há vários poemas de militantes no Fundo Plínio Salgado do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, textos sem assinatura que demonstram a idolatria ainda existente, mesmo após a morte. Muitas personalidades proferiram discursos e homenagens ao integralista, como o companheiro modernista Menotti del Picchia, que contribuiu para a fundação da Associação Brasileira de Estudos Plínio Salgado (PICCHIA, 1976). Para a fundação da entidade, que tinha como propósito a divulgação das obras do autor, a viúva, Carmela Salgado, pediu apoio para vários amigos intelectuais do integralista, entre eles, o lusitano João Ameal, que em 26 de julho de 1976 recebeu uma correspondência pedindo seu apoio na criação do instituto (SALGADO, Carmela, 1976).

- _____. Prefácio: Terceiro batalhão: o lapa azul. In: RODRIGUES, Agostinho José. *Terceiro batalhão: o lapa azul*. São Paulo: Edameris, 1976b, p. XI-XV.
- _____. Segundo aviso a Portugal. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 2 fev. 1975a.
- _____. Carta a Armando Falcão. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 16 fev. 1975b.
- _____. Ranieri Mazzilli. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1975c.
- _____. O santo de Portugal e do Brasil. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 8 jun. 1975d.
- _____. *Entrevista de Plínio Salgado para os jornais da Espanha*: nov. 1975e (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/Fundo Plínio Salgado – APHRC/FPS-091.004.013).
- _____. *Evolução histórica da gravura*. Brasília: Congresso Nacional, 1974.
- _____. *13 anos em Brasília*. Brasília: Horizonte, 1973.
- _____. *Compêndio de instrução moral e cívica*. 5. ed. São Paulo: FTD, 1972a.
- _____. Presença de Portugal. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 10 set. 1972b.
- _____. Comemoração do dia da comunidade luso-brasileira. [Entrevista] *Momento 71*. Lisboa: Emissora Nacional, 22 de abril de 1971. Programa de Rádio (R.T.P. AHD384).
- _____. *História do Brasil*. São Paulo: FTD, 1970a.
- _____. A volta do “Chefe”. [Entrevista] *Veja*. São Paulo, 13 maio 1970b.
- _____. Nihil sub sole novum. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 24 maio 1970c.
- _____. Problemas da ARENA e do MDB. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 9 abr. 1967.
- _____. Plínio Salgado (aos setenta anos) não é da direita, da esquerda ou do centro. Entrevistador: Maurício Loureiro Gama. *A Gazeta*, São Paulo, 28 jan. 1965.
- _____. O santo condestável. *Novidades*, Lisboa, 14 dez. 1964a.
- _____. O santo condestável. *Jornal de Portugal*, Lisboa, 21 nov. 1964b.
- _____. A melhor defesa estratégica do ocidente tem sido a política portuguesa em África. [Entrevista] *Novidades*, Lisboa, 12 maio 1962a.
- _____. Somente a imaturidade ou a decadência poderão permitir que os Estados Unidos ou a Inglaterra trabalhem contra os seus próprios interesses. Entrevistador: Candida Cortes. *Diário Notícias*, Lisboa, 13 maio. 1962b.
- _____. A entrevista do dia: Dr. Plínio Salgado (escritor e político brasileiro). Entrevistador: Nuno Rocha. *Diário Ilustrado*, Lisboa, 15 maio 1962c.

_____. *A crise parlamentar e os 5 discursos de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1962d.

_____. Plínio Salgado (Brasil) de visita a Lisboa. [Entrevista]. Lisboa: Rádio Clube Português/Estação da Parede, 19 de abril de 1962e. Programa de Rádio (R.T.P. AHDB8793).

_____. *Discursos na Câmara dos deputados: primeira fase: 15 de março de 1959 a 13 de abril de 1960*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1961.

_____. *As causas da irresponsabilidade*. In: _____. *Enciclopédia do Integralismo*. V. 9: O integralismo e a educação. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1959a. p. 129-134.

_____. *Educação*. In: _____. *Enciclopédia do Integralismo*. V. 9: O integralismo e a educação. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1959b. p. 119-127.

_____. *Por que tivemos poetas no integralismo?* In: _____. *Enciclopédia do Integralismo*. V. 7: Coletânea de poetas integralistas. Rio de Janeiro: Clássica brasileira, 1959c. p. 5-15.

_____. Plínio Salgado considerado uma das atrações: Câmara. *O Jornal*, 8 fev. 1959. 1959d. Rio de Janeiro (APHRC/FPS-091.004.015).

_____. *Viagens pelo Brasil*. In: _____. *Obras completas*. v. 4. São Paulo: Américas, 1954. p. 154-155.

_____; SILVEIRA, Tasso da. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1954.

_____. *Entrevista concedida por Plínio Salgado ao Times de Los Angeles*. 1970. (APHRC/FPS-091.004.007).

II – Geral

ABAIXO as Ditaduras. *Veja*. São Paulo, 26 dez. 1973.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica os herdeiros do sigma*. 2012. 717f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

BRASIL. Lei n. 8.663, de 14.6.93. *Revoga o Decreto-Lei n. 869, de 12 de dezembro de 1969, e dá outras providências*. Disponível em: <http://lise.edunet.sp.gov.br/paglei/notas//lei8663_93.htm>. Acesso em: 01 set. 2012.

CABRAL. R. Pobre galinha verde. *Realidade*. São Paulo, jan. 1973, p. 18-23.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, neointegralismo e antisemitismo: entre a relativização e o esquecimento*. 2011. 234f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

- CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010.
- CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. 2007. 415f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A celebração do jubileu de prata integralista (1957-1961)*. 2002. 326f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002.
- _____. *A enciclopédia do integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)*. 2010. 243f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.
- COM SALAZAR aprende-se muito. *Diário da Manhã*, Lisboa, 16 maio 1962.
- COMO os integralistas entendem o nacionalismo. *Folha vespertina*, Belém, 10 ago. 1959.
- COMPAGNON, Olivier. *Jacques Maritain et l'Amérique Du Sud: le modele malgré lui*. Villeneuve-d'Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2003.
- COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo: MUSA, 2000.
- CRUZ, Natalia dos Reis. A ideologia do sigma hoje. Neointegralismo, intolerância e memória. *História Questões & Debates*, Curitiba, n. 46, p. 113-138, 2007.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997.
- FAIST, Thomas. *The Volume and Dynamics of International Migration and Transnational Social Spaces*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- GONÇALVES, Leandro Pereira. Plínio Salgado em Portugal: de líder da Ação Integralista Brasileira a profeta, autor da Vida de Jesus. *Working Papers IHC*, v. 4, p. 1-31, 2014a.
- _____. The integralism of Plínio Salgado: luso-brazilian relations. *Portuguese Studies*, v. 30, p. 67-93, 2014b.
- GRINBERG, Lúcia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), 1965-1979*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- MANIA de grandeza. *Veja*. São Paulo, 11 dez. 1974.
- MÉDICI defende a soberania. *Veja*. São Paulo, 08 set. 1971.
- NERY, Sebastião. *O Prestes da direita*. 1995 (AIB/PRP-DELFOS-PUCRS. Fundo AIB. Série 17-Diversos. p. 18).

PICCHIA, Menotti del. *Discurso do orador oficial da solenidade de fundação da Associação Brasileira de Estudos Plínio Salgado*. 1976 (APHRC/FPS-084.001.001008).

PINTO, António Costa. *O salazarismo e o fascismo europeu: problemas de interpretação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Estampa, 1992.

PLÍNIO CRITICA excesso de poderes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1966.

PLÍNIO QUER uma Câmara Orgânica. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1966.

PLÍNIO RIDES again. *Veja*. São Paulo, 21 out. 1974.

PLÍNIO SALGADO (1895-1975). *Veja*. São Paulo, 17 dez. 1974.

PLÍNIO SALGADO considera o nacionalismo vitória da Ação Integralista Brasileira. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1959.

SALAZAR, António de Oliveira. *Diários de António de Oliveira Salazar*, 15 maio 1962 (ANTT/AOS/1-59_m0243).

SALGADO, Carmela. Correspondência de Carmela Salgado a João Ameal, 26 jul. 1976 (BNP/EJA/E37/4329).

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration, *Anthropological Quarterly*, v. 68, p. 48-63, 1995.

UMA PÁGINA de sabedoria e bravura o parecer do Dep. Plínio Salgado em Defesa da Pátria e da Família. *A cruz*. Rio de Janeiro, 24 maio 1970.

Data de recebimento: 28/01/2015.

Data de aceite: 07/08/2015.